Anotações sobre Psicanálise da Cultura – Ainda sobre a Arte.

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Tivemos a oportunidade nos ensaios sobre ***“Psicanálise na Arte, a Arte na Psicanálise”*** de aproximar esses dois ricos campos da cultura.

Ao reler o valioso trabalho da psicanalista alemã Ilse Grubrich-Simitis¹ *“De Volta aos Textos de Freud” – dando voz a documentos mudos* (II Parte – item 3)² me deparo com o registro que a autora faz dos *Manuscritos/anotações*, da lavra de próprio punho de Sigmund Freud, a respeito de seus *fragmentos de ideias Teórico-Culturais*.

Sabe-se que o vasto e rico universo do pensamento freudiano não se restringiu apenas à compreensão e ao tratamento, pela psicanálise, das afecções da vida mental como as neuroses e psicoses, nem mesmo se ateuve aos seus pioneiros estudos sobre natureza dos Sonhos – seu Grande Livro, seu *“opus Magnus”*, onde irá decifrar o significado oculto dos mesmos como a *“via régia”* de acesso ao inconsciente. O mesmo também irá se debruçar sobre as demais expressões culturais, dedicação tão acurada e profunda que vai alça-lo como um dos maiores Pensadores da Cultura, considerado mesmo entre muitos, o maior pensador do século XX. Cultura que para a psicanálise é a mais poderosa arma contra a *barbárie*. Disse o

¹ Grubrich-Simitis trabalhou por várias décadas como pesquisadora acadêmica. O âmago de seu trabalho será o próprio pai da psicanálise sobre quem publicou diversos volumes substanciais e que irá contribuir para uma apreciação aguçada da obra escrita de Freud. Desde 1960, ela trabalhou para S. Fischer Verlag na compilação de dez volumes das obras e cartas de Freud pela editora, inicialmente como editora e, mais recentemente, como responsável geral pelo projeto. Ilse faz um verdadeiro Retorno aos Textos de Freud, não como proposto muito tempo antes por Lacan, no seu *Retour à Freud*, mas dando voz aos próprios documentos, no seu contexto original, no seu *“status nascendi”*, que oferece ao público leitor uma inusitada renovação do pensamento de Freud, mostrando toda a sua envergadura e a imensidade de detalhes de seus manuscritos e anotações.

² Ilse Grubrich-Simitis. *De Volta aos Textos de Freud – Dando voz a documentos mudos* (1995) – Imago Editora – RJ.

médico de Viena: “*tudo aquilo que alimenta o progresso da civilização, trabalha ao mesmo tempo contra a guerra*”.

Em tempos tão sombrios como estes que estamos vivendo, sobretudo em nosso país, assiste-se à uma crescente e tenebrosa onda obscurantista, em que se dá um alienante, desavergonhado e assumido *negacionismo* dos mais elementares valores civilizatórios. Um cenário de violentos e grotescos ataques ao patrimônio cultural e moral da humanidade, e, tudo isso, temperado por um furor criminoso à natureza e sua vital biodiversidade. Somos, os ditos *Homo Sapiens*, a única espécie dentro do mundo animal, que ataca seu próprio *habitat*.

A lei olvidada, quando não dilacerada pelos próprios agentes dela – uns acovardados, outros omissos, e ainda outros, comprometidos até o pescoço em crimes de lesa pátria e até mesmo, contra a Humanidade – se torna um referencial ético subtraído. As tendas de milagres dos *falsos profetas*, como anunciou o próprio Nazareno, se multiplicam. Engordam seus escusos negócios explorando a dita *boa fé* dos incautos, que vêm no “Demônio” o mal que carregam, como humanos que são, nas próprias entranhas. Fazer o que?

Me parece que só mesmo quando o *Coletivo* se percebendo enganado e aviltado, tomado de uma verdadeira e incontida ira, e ainda, não sendo tarde demais, poderá tomar novamente nas mãos seu destino e salvaguardar a vida hoje tão ameaçada. Podendo então catapultar para o *Inferno de Dante* esses seres tão abjetos. Moralistas imorais. Verdadeiros inomináveis e serviçais do apocalipse.

Mas por enquanto esse coletivo permanece inerte e mesmo conivente em seu *inconsciente coletivo* com esse estado de destruição da civilização e da vida. Espécie de *distúrbio narcísico* que parece cancelar um Espírito do Tempo (*Zeitgeist*).

Cabe aqui a máxima de Freud: “*os iletrados e selvagens supervalorizam as funções psíquicas que lhes são pouco usuais (...)*”. Na verdade: a simbolização, a descoberta de palavras e a formação de fantasias. Nesse sentido podemos imaginar o quanto sujeitos desprovidos do rico universo simbólico das palavras, empobrecidos simbolicamente, permanecem mergulhados em fantasias primais onipotentes. Primatas que acham que a vida ao seu redor é *tal e qual* como a concebem pelo seu esvaziado mundo interno. Tamanha regressão desse universo simbólico, que ao fazer com os dedos uma “armazinha” imitando um revólver, pensam de forma mágica, que estarão livres de todos os males. Destroem todos os

seus inimigos e triunfam magnânimos montados na própria estupidez. E, pior, são conduzidos pelos *perversos* que literalmente passam ao ato do crime, se organizando em milícias e operando nas fuças de um Estado leniente e impotente.

Mas esse não é o nosso assunto, pelo menos agora. Muito pelo contrário. Volto a lembrar o tema de nossos *esforços culturais*, portanto civilizatórios, que são os principais antídotos para esse grande mal-estar e fonte de tamanho sofrimento.

Busco agora registrar mais uns apontamentos sobre a arte vindos da própria escritura freudiana. Nos dirá: *“no impulso artístico deve existir primariamente o talento do artista, o poder de transformar e de expressar (...). Porém o motivo da exploração desse poder pertence psiquicamente, na origem, ao instinto de apropriação na medida em que o quadro³ que foi feito vale sob todos os aspectos como **substituto do original**,⁴ e provavelmente também deveria dar ao criador poder sobre ele; o mesmo quando se trata de um objeto querido; aqui também a criação serve ao componente da apropriação”*.⁵

E continua: *“De início dois tipos de arte: aquela que cria uma cópia e aquela que exprime os sentimentos. A primeira, mais primitiva e fácil de entender; a segunda tem sua origem na **corte amorosa**⁶, mas não exclusivamente. Também serve para exprimir sentimentos sociais: cerimoniais, danças, encenações, música. Naturalmente mais abundantes são as que estão a serviço das funções amorosas”*⁷

Então temos aqui as duas correntes emocionais mais importantes no processo do fazer artístico: o sentimento inconsciente de *se apropriar do objeto do desejo* e o de *amá-lo ou de ser amado por ele*. Pergunto: não são esses dois motivos o bastante para dar a arte um lugar especial nas nossas vidas emocionais?

Para a psicanálise sim: afinal, ter a posse do objeto de desejo, mesmo que no campo de nossas fantasias, ou ainda, poder manter um vínculo

³ Aqui Freud fala da pintura de um quadro, mas, isso serve para as outras formas de expressão artística.

⁴ Grifo meu. Freud se refere aqui aos talentosos copistas, mas mostra que a mesma fruição pode partir do criador de um quadro. O grifo corre por conta do que nos Ensaio que escrevi, *“Psicanálise na Arte, a Arte na Psicanálise”*, aponta para as **experiências substitutivas** para desejos **insatisfeitos**.

⁵ Ilse Grubrich-Simitis. De Volta aos Textos de Freud – Dando voz a documentos mudos (1995) – Imago Editora – RJ. Pg. 120

⁶ Grifo meu.

⁷ Idem. Pg. 120

amoroso com ele, nos coloca na perspectiva vital da *Realização dos Desejos* gerando o *Prazer*. E esse último seria a recompensa maior para o sujeito. Sujeito esse que para nós sempre é *sujeito de um desejo*, ou melhor, *sujeito do desejo*.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).